



FERGUSON, NIALL. *A GRANDE DEGENERAÇÃO: DECADÊNCIA DO MUNDO OCIDENTAL*. SÃO PAULO: PLANETA, 2013. 128P. ISBN 978-8542201109.

MARCOS HELENO GUERSON DE OLIVEIRA JUNIOR¹

Em *A Grande Degeneração*, Ferguson parte da constatação de que o otimismo de Fukuyama com o fim da história, representada pelo triunfo da política e da economia liberal, não se realizou. A crise que se abateu sobre grande parte do chamado mundo desenvolvido evidenciou que alguma coisa saiu dos trilhos e o resultado nos últimos anos foi uma combinação de baixo crescimento econômico e dívida crescente. O ocidente está estagnado e não só economicamente.

A chamada crise do débito, que se iniciou pelo estouro da bolha imobiliária americana, espalhou-se nos demais países de língua inglesa, além da Europa e do Japão. O socorro que os governos imediatamente forneceram aos bancos ameaçados de falência gerou o efeito de converter dívida privada em dívida pública, pressionando ainda mais os orçamentos públicos. Com a retração da demanda agregada, devido ao alto nível de débito nas economias, o crescimento econômico caiu a níveis baixos e os estados ficaram sem ação para reduzir a relação entre dívida pública e o PIB. Desta forma, o principal instrumento para controlar essa dívida, que seria deixá-la aumentar menos do que o crescimento da economia, tornou-se impossível. O mundo rico estagnou e passou a conviver com o aumento insustentável de suas dívidas.

Recorrendo à História, Ferguson recua no tempo até a obra mais famosa de Adam Smith, *A Riqueza das Nações*, e resgata um conceito que foi pouco explorado na Academia: o do “Estado Estacionário”. Trata-se da ideia de que um estado rico pode chegar a uma situação de queda dos níveis de crescimento, iniciando um processo de empobrecimento. Para Smith, uma das características comum a esse tipo de estado é uma elevada parte da população recebendo baixos salários e a capacidade de uma elite monopolista e corrupta em manipular as leis e a administração pública a seu favor. Na época, o grande modelo do economista escocês era a China, um rico gigante que se encontrava em decadência. Era possível uma nação rica empobrecer.

A Grande Degeneração é sobre as causas que levam ao estado estacionário e baseia-se no insight de Adam Smith de que o sucesso e o fracasso das nações são, em grande parte, resultado das leis e das instituições. A sua tese é que os problemas econômicos não são o problema e sim os sintomas. A questão central hoje é a degeneração das leis e das instituições nos países ricos.

Para provar sua tese, Ferguson abre o que chamou de quatro caixas-pretas que explicam o sucesso de uma nação: a democracia (política), o livre mercado (economia), o *rule of law* (direito) e a sociedade civil (social). São as instituições que reforçam esses valores que fizeram com que, ao longo da história, algumas nações vencessem a pobreza e se tornassem desenvolvidas. Boas instituições são difíceis de serem construídas. Em contraste, é fácil ficar preso a instituições que não funcionam e essa é a principal razão da maioria das nações terem sido pobres ao longo da história, incluindo todo o mundo desenvolvido de hoje. O foco do livro não é explicar o sucesso, mas o oposto: como as nações ricas podem reverter para a pobreza.

¹ Escola de Comando e Estado-Maior do Exército (ECEME). Rio de Janeiro - RJ. Brasil.

E-mail: <guerson.eb@gmail.com>

Mestre em Ciências Militares (ECEME).

Através da discussão sobre as quatro caixas-pretas, Ferguson mostra que as leis e as instituições foram tornando-se cada vez mais atuantes na sociedade para promover o controle social, a regulação da economia e a distribuição de renda, a ponto de distorcer de forma negativa o sistema democrático, a economia de mercado, o sistema legal e, por fim, a sociedade civil, que cada vez mais perde a capacidade de se organizar para produzir resultados que não sejam lucro econômico. A medida que se fortalece, o estado retira dos indivíduos e das empresas a vontade de promover o bem comum que cada vez mais é visto como uma obrigação dos governos.

Ferguson é claro em seus argumentos, o problema não é a economia, mas a degeneração das instituições, em última análise do próprio estado. Recusar-se a colocar essa questão em debate é gastar recursos e tempo no combate aos sintomas e não à origem dos problemas. O alerta que faz é que a estagnação econômica tenha consequências perigosas no campo político, como já tantas vezes aconteceu no passado.